

MEMÓRIA

MEMORY

O APOGEU LITERÁRIO DA HORTA E O POETA-FILÓSOFO MANUEL JOAQUIM DIAS *

JOSÉ ENES **

O primeiro jornal que na cidade da Horta se publicou foi um semanário literário – *O Incentivo*. Fundou-o e dirigiu-o o introdutor da imprensa na capital da Ilha Azul – João José da Graça. Homem franzino, de constituição enfermiga e de módicos recursos económicos, foi no entanto um estrénuo lutador e um incansável autodidacta. Aos dezoito anos leccionava em sua casa, inglês e francês e, mais tarde, no próprio liceu da Horta. Uma ideia, porém, lhe nascera no cérebro e centralizara toda a sua ânsia de saber e de ensinar: a imprensa. Foi ele próprio à América, nos princípios de 1856, adquirir o prelo, que pela primeira vez gemeu nas entranhas desta linda princesa dos Açores Ocidentais. Assustou-se o burgo com a primeira folha impressa e reagiu alarmado. O capitalista, que o subsidiara, amedrontado retirou a ajuda. Conseguiu João José da Graça, com o auxílio do Governador Civil, Luís Teixeira de Sampaio, uma nova impressora e depois de haver habilitado um tipógrafo e feito fundir tipo alto para os títulos, a 10 de Janeiro de 1857 publicava o primeiro número do *Incentivo*. Por não haver depositado a fiança de 2.000 réis, como prescrevia a lei, a fim de poder inserir nas suas colunas matéria de carácter oficial, foi preso, satirizado e o seu jornal suspenso em Abril de 1858. Ainda na cadeia redigiu secretamente a folha satírica *Torcida*. Uma vez livre ausentou-se para Lisboa. Em 1860 regressava. Fundou um novo jornal o *Atlântico*, que publicou durante poucos meses. Vendeu-o, junto com a tipografia, e foi para a Terceira onde redigiu os jornais *A Terceira*, *O Eco Açoreano* e o *Eco Agrícola*. Meses depois regressou à Horta, e fundou um novo jornal *A Palavra* e pelos anos fora fez aparecer ainda as seguintes gazetas: *Correio da Horta* (em 1869); *O Observador* (em 1874); *Porto Franco* (em 1877); *A Regeneração* (em 1880) e *Vida Nova* (em 1892). O seu nome ficou ligado ainda a associações culturais

* Texto de uma conferência proferida na cidade da Horta no ano de 1958.

** Professor Catedrático Jubilado da Universidade Aberta, presidente da Comissão Instaladora e 1.º Reitor do Instituto Universitário dos Açores e da Universidade dos Açores de 1975 a 1982.

da sua terra, a actividades recreativas, a publicações não periódicas de valor, como o livro *Defesa da Existência de Deus* e a *Poesia ao Tejo* de D. Roque Barcia que Augusto Bulcão traduziu e à administração camarária, a que deu organização e prioridade¹.

A semente lançada caiu em bom terreno. Desde o aparecimento do *Incentivo* em 1857 até ao ano de 1900, vieram a lume, na cidade da Horta, 81 publicações periódicas, 66 semanais, 8 quinzenais, 3 diárias, 1 mensal, e 3 de periodicidade irregular. Algumas tiveram vida efêmera, algumas apenas apareceram uma só vez; muitas, porém, mantiveram-se em coexistência nem sempre pacífica mas sempre operosa.

Tracejando um breve gráfico da imprensa açoriana, António Baptista escreveu em 1903, no *Álbum Açoriano*:

“Em vez de mera cópia da imprensa de Lisboa, como sucede nas pequenas localidades, a imprensa açoriana tem sustentado notáveis polémicas, a respeito de todas as grandes questões, com os próprios recursos das suas relações.

Do valor d’essas relações, que tem sido como viveiros de jornalistas, fala bem alto a plêiade de escritores açorianos, que se estream na imprensa local, e ocupam em Lisboa, nas diversas especialidades da imprensa, Os primeiros lugares”².

António Baptista possuía particular autoridade, para fazer esta asserção, por haver pertencido àquela plêiade de escritores açorianos que na imprensa de Lisboa ocuparam os primeiros lugares.

O período, a que me refiro, foi convulsivamente agitado por lutas políticas e nesta agitação está uma fonte da extraordinária fecundidade jornalística. No entanto, acima das questiúnculas partidárias, elevou-se a preocupação da arte, em especial da literatura, e até da divulgação científica.

Percorrendo as colunas desses periódicos temos a impressão de respirar o ambiente das revistas culturais do Romantismo nascente e do apostolado positivista e socialista das gerações de 70.

Em todo o arquipélago, mesmo nas ilhas onde a imprensa apenas podia contar com poucas dezenas de leitores, os jornais e revistas pululavam.

Atendendo, porém, ao número e qualidade, relacionados com a população, a cidade da Horta sobrelevou as demais, sobretudo se se atende às actividades literárias e artísticas.

¹ Marcelino Lima, *Anais da Câmara da Horta*. Vila Nova de Famalicão, 1943, pp. 525 a 529. Ernesto Rebelo, “Notas Açoreanas”, *Arquivo dos Açores*, Vol. IX (1887), pp. 19-23; 38-49.

² *Álbum Açoriano*, Lisboa, 1903, p. 415.

Esta propensão mais do que no resto do Arquipélago, acentuou-se no jornalismo faialense. Dasquelas 81 publicações mencionadas, 20 dedicaram-se exclusivamente às letras e, das outras, ainda 9, ao lado de outra especialização jornalística, mantiveram também a literária.

Estes números são índice dum nível cultural superior ao medíocre. E o valor deste índice aumenta no ambiente local, com os expoentes de outras actividades literárias e artísticas.

Muito antes do primeiro jornal aparecer, um continental de nome Gamboa, aí por volta de 1814 trouxe para a Horta o gosto pelo teatro e através de muitas vicissitudes, esta cidade foi-se tornando um centro em que a arte de Talma atingiu nível superior³. Apenas me limito a citar as seguintes palavras de Marcelino Lima: “o culto pela arte dramática, no Faial, atingiu proporções como talvez, em mais nenhuma terra de província”⁴. Província aqui contra-põe-se a Lisboa, Porto e Coimbra.

Vinha já de longe a propensão deste povo para a cultura: ensino, serões, teatro, associações culturais.

Coadjuvando as actividades literárias e teatrais bem como outras recreativas e artísticas, como a dança e a música, apareceram já posteriores à imprensa algumas associações que exerceram grande influxo no meio: em 1859, a sociedade *Amor da Pátria*; em 1874 o *Grémio Literário Faialense*; em 1878 o *Grémio Literário Artista Faialense*; em 1879 a *Sociedade Humanitária de Literatura e Agricultura* e em 1889 o *Gimnásio Clube*. O Gimnásio Clube surgiu nesta maré de cultura e arte, sob a inspiração de Rodrigo Labescat, que, educado em França, de lá trouxera o gosto pela educação física ministrada nos países nórdicos. A propósito desta agremiação escreveu Florêncio Terra a 8-5-1891 no jornal *O Açoreano*:

“Em o último domingo, por um abençoado acaso, proporcionou-se-me ocasião de visitar este clube. Não era dia de exercícios; todavia, por uma delicada atenção, os sócios presentes procederam aos seus trabalhos, como em uma sessão ordinária. Pois afirmo e repito que tive a impressão agradabilíssima, como há muito não experimentei nesta terra...

Convenci-me então de que faziam um serviço relevantíssimo e que se achava ali, naquela modesta agremiação, o núcleo duma das mais prestantes sociedades que o Faial pode ter...”⁵.

³ Marcelino Lima, *o. c.*, p. 517.

⁴ *Id.*, p. 520.

⁵ Cit. por Marcelino Lima, *o. c.*, p. 513.

Viu bem o fino contista. O *Gimnásio Clube*, criando o gosto pela ginástica, pelo atletismo, pelo desporto náutico e por outras modalidades nobres, como o ténis e o tiro ao alvo, veio imprimir ao ambiente cultural faialense, a faceta humanista da cultura física.

E digo faceta humanista, porque as actividades desportivas estiveram subordinadas à intenção artística.

E a comprovar esta afirmação, além dos testemunhos da época, estão a *Revista Faialense*, desportiva e literária, publicada pelo *Gimnásio* e o facto de entre os nomes dos fundadores se encontrarem os de Carlos e Roberto Mesquita e de Marcelino Lima, que foi o redactor principal da *Revista*.

A estas associações podia acrescentar-se ainda outras de menor projecção, como a *Filarmónica Artista Faialense*, que teve as suas origens já em 1847.

Só a enumeração destas actividades, faz supor a existência, num meio populacional relativamente pequeno, como era a Horta, de um bom número de espíritos cultos, animados por um dinamismo extraordinário. E também estas múltiplas actividades não podiam deixar de transfundir para o meio social a cultura e a arte, generalizando um nível talvez nunca atingido em outra parte, com tanta amplitude e de fazer surgir desta sociedade culta um escol cada vez mais numeroso de escritores e de artistas.

De facto, nos fins do século passado e princípios deste, na cidade da Horta vivia, em pujante actividade, convivendo em tertúlias e colaborando desinteressadamente na imprensa local e na do Continente, uma plêiade de poetas, contistas, romancistas, jornalistas, dramaturgos e historiadores, dos quais alguns exerceram grande influência na literatura nacional e são hoje objecto de repetidos estudos. E a alguns dos que jazeram no olvido, devem este ostracismo a certos caprichos históricos, que tem impedido os intelectuais do continente e até mesmo dos Açores de sintonizarem mais com a actividade cultural expendida adentro das nossas coordenadas geográficas. Desses nomes cito os principais: Florêncio Terra, Garcia Monteiro, Marcelino Lima, Manuel Joaquim Dias, Manuel Greaves, Nunes da Rosa, Osório Goulart, Carlos Mesquita, Roberto Mesquita, António Baptista, Rodrigo Guerra, Manuel da Câmara⁶.

Claro que as raízes desta floração literária mergulham na compleição étnica, rica de extraordinários dotes humanos, que os faialenses herdaram dos seus primeiros povoadores. E se nós seguirmos o caminho histórico dessas raízes

⁶ Como interessante testemunho contemporâneo, transcrevo a seguinte carta de Marcelino Mesquita, publicada em “o Telégrafo”.

vamos encontrá-las a embeber-se em húmus fecundante da cultura ministrada pelos conventos franciscanos, pelos carmelitas e pelo colégio dos Jesuítas. Foram eles que deram à alma faialense, etnicamente super-dotada, o surto para as preocupações culturais. E nesta faina benfazeja da formação espiritual deste povo, apareceu um trabalhador cuja acção, como nota Marcelino Lima⁷ não constituiu para a história da cultura faialense um facto vulgar. Foi o Dr. Roque Taveira, que veio em 1794, reger a cadeira de filosofia racional e moral, criada havia mais de vinte anos. Conhecedor de línguas, versado na literatura pátria e eivado das ideias do enciclopedismo francês, despertou à sua volta um número crescente de alunos e admiradores. A sua acção foi continuada pelo seu sucessor António José de Ávila (futuro duque de Ávila e Bolama).

E foi aqui que nasceu um facto absolutamente inegável e cuja importância seria mesquinho negar: o ideal do iluminismo enciclopedista, que sonhava uma nova redenção da humanidade pela instrução e pelo progresso técnico, fascinou e fecundou a alma do povo culto da Horta.

Encontrando-se moralmente sã, inclinada já para ele pelo naturalismo da religiosidade da época, despertou nela um dinamismo que, enquanto os vírus negativos do paganismo, do anticlericalismo e do ateísmo não o corromperam, a impeliu para a realização do esplendor literário e artístico, que acima descrevi.

Ora de todos os intelectuais que viveram no apogeu daquele esplendor, o que mais clara e artisticamente soube exprimir os aspectos bons do ideal do iluminismo enciclopedista foi o poeta-filósofo Manuel Joaquim Dias.

Não me detenho no seu esboço biográfico. Aliás, ele próprio disse em carta a Henrique das Neves: “Não tenho biografia. Vivo, como o amigo diz, como uma ave sobre um rochedo, em pleno oceano. E ainda desse rochedo bem pouco espaço percorro”⁸.

Nascido na Horta em 1852, nunca saiu do Faial, segundo testemunho de António Baptista⁹.

⁷ Marcelino Lima, *o. c.*, p. 540.

⁸ Henrique das Neves, *Individualidades*, Lisboa, 1910, p. 19. Esta mesma ideia aparecerá no primeiro poema das *Telas da Vida*:

Como ave a rocha me tocou em sorte,
A solidão do mar me rodeou.

⁹ *Album Açoreano*, p. 517.

Claro está, que não viveu isolado no território nefelibata de lucubrações aéreas. Tinha o modesto emprego de amanuense da Câmara Municipal¹⁰. Interessou-se intensamente pelos problemas sociais do seu meio e a esse interesse ficou devendo muito a benemérita associação “A Previdência Operária”. Colaborou assiduamente na imprensa local. Tomava parte nas tertúlias literárias. A sua alma era profundamente sensível à amizade. Desta faceta do seu espírito deixou-nos dois formosos testemunhos. Um perfil de Florêncio Terra, que ele, com arte delicada, escreveu para o *Album Açoreano*:

“Merece-me Florêncio Terra a mais subida estima pelas suas qualidades e a maior admiração pelo seu talento. É dos poucos que teem amenizado a quasi solidão em que vivo, vindo à minha casa da quinta da Hermitagem a animar-me em trabalhos literários, para que sentia pouco ou nenhum estímulo. Li-lhos alguma vez, e na sua crítica franca sentia sempre vibrar a sua alma de artista. Agradava-me, quer concordássemos quer não. Relacionei-me muito com Florêncio Terra há bons vinte anos, quando ele redigia o *Açoriano*, em que eu também colaborei. Desde esse tempo a sua amizade teve sempre para mim um perfume de modesta violeta”¹¹.

O outro no último número da revista *Atlântida* fundada e dirigida pelo jovem e malgrado poeta açoriano João de Matos Bettencourt:

“Revolvendo memórias do passado que se conservam vivas nas urnas da saudade, sinto ainda o calor das cinzas de dois dedicados amigos, *avis rara*, o dr. Garcia Monteiro e o general Henrique das Neves.

Durante uma longa sucessão de anos, e embora ausentes, um em Boston, outro em Lisboa, afirmou-se sempre viva a nossa inalterável amizade. Éramos três verdadeiros amigos de que só resto eu para chorar os outros. Um, poeta, cheio de talento e verdadeiro iniciado na Arte; outro, que lhe não era profano, homem de espírito e de coração, duma nobreza de carácter que me tornava possíveis os homens de Plutarco.

Devia-lhes este registo de óbito, mas onde o lançaria? Agora que mãos piedosas, como as de José de Arimatêa, abrem nestes rochedos açoreanos um sarcófago novo para recolher um nome de poeta, cuja missão foi cortada pela morte, aí, nesse panteon íntimo de saudade, deposito estas memórias sagradas, das mais queridas que tive na vida, das últimas que esquecerei com a morte”¹².

¹⁰ Ernesto Rebelo, *o. c.*, p. 32.

¹¹ *Album Açoreano*, p. 460.

¹² *Atlântida*, 15 de Abril de 1916, p. 10. Este número foi o último da revista, que iniciara a sua publicação a 15 de Janeiro de 1915, publicado *in memoriam* do fundador, que se suicidara a 9 de Setembro deste mesmo ano, na ilha Graciosa.

Procurava a solidão para estudar; estudar afincadamente e sempre. E foi este estudo aturado, que fez dele um espírito enciclopédico, embora não muito profundo. Dele escreveu Silva Peixoto:

“Foi um sábio. Falava de tudo; línguas (inglês e francês conhecia profundamente) as literaturas cultas eram-lhe familiares. E sabia de política, economia, pedagogia, matemática, astrologia – todo um mundo de ciências e letras”¹³.

A comprovar este testemunho estão a sua colaboração nos jornais e na revista *Atlântida*, e em outras publicações, os seus livros em prosa *Lição dos Factos* (filosofia e crítica), *A controvérsia da Atlântida* (conferência), e as suas próprias obras poéticas. A alma desta solidão estudiosa e contemplativa, porém, era a preocupação pelo homem, pelo homem concreto, que chora e ri, que sofre e goza, que trabalha e dorme, como diria Unamuno.

Foi uma paixão de visionário, que o levou a escutar, com a luneta positivista, nas malhas da história humana, as rotas possíveis de um destino redentor da imperfeição e do sofrimento, que o levou a debruçar-se sobre a alma popular, sobre a alegria e a dor dos indivíduos, sobre o amor e sobre a morte, sobre si mesmo, sobre a sua saudade e a sua desilusão.

E foi na sua poesia que exarou as análises apaixonadamente vividas do fenómeno humano. Por isso mesmo, é na poesia que ele nos aparece como o arauto do ideal, que animou a sua geração.

E das obras poéticas, aquela que mais explícita e longamente o faz, é a *Apoteose Humana*. Talvez por esta razão, os críticos ao referirem-se ao poeta Manuel Joaquim Dias, mencionam quase exclusivamente aquele poema e acentuam o predomínio da razão sobre o sentimento e a consequente frieza marmórea, embora enalteçam a sua perfeição formal. Neste sentido escreve Marcelino Lima:

“Os versos de Manuel Joaquim Dias são impecáveis – e não sei de mais correctos em nenhum outro metrificador português; neles se agita a beleza do pensamento, a austeridade da forma; valem como um mármore – porém, como um mármore, mesmo sublime, são frios”¹⁴.

¹³ In *Correio da Horta*, 12 de Dezembro de 1949.

¹⁴ *Anais do Município da Horta*, p.. 566.

Osório Goulart, pelo contrário, acentua o carácter romântico e sentimental dos outros livros¹⁵. Ao longo deste estudo se verá que ambos estes pontos de vista são parciais. Na *Apoteose Humana* não há só razão na correcção fria da forma, nem nos outros livros há apenas o sentimento de inspiração romântica.

Como Manuel Joaquim Dias confessa no prefácio ao poema «Margarida», antes dele já publicara “algumas poesias sobre assumptos sociais”.

Ernesto Rebelo, dá uma resenha dessas composições, que transcrevo por indicarem alguns marcos do itinerário mental do poeta antes da publicação do seu primeiro poema:

“«Avé Libertas», no *Civilizador* de Dezembro de 1878 – «Victor Hugo», no *Fayalense* de 29 de Setembro do mesmo ano – «Egitaphio de Newton» no *Civilizador* de Janeiro de 1879 – «Luctas Intimas», no *Grémio Litterário* do 1.º de Agosto de 1880 – «Livre Arbitrio», idem do 1.º de Setembro de 1880 – «Problemas», idem do 1.º de Dezembro de 1880 – «Fascinações», idem do 1.º de Fevereiro de 1881 – «No Campo», idem do 1.º de Agosto de 1881 – «Celibatário», idem de 15 d’Outubro de 1881 – «Idílio», idem do 1.º de Fevereiro de 1882 – «Pudor», idem do 1.º de Julho de 1882 – «Alexandre Herculano», idem, 1.º de Junho de 1883 – «Ecco d’Alma» no *Recreio* de 3 de Dezembro de 1883 – «No Tumulo», *Açoriano* de 27 de Abril de 1884 – «As Folhas», idem de 18 de Maio de 1884 – «Jamais», idem de 28 de Dezembro de 1884 – «Eia», *Gazeta Judicial* de 20 de Março de 1885, «Victor Hugo», *Açoriano* de 21 de Junho de 1885 – «Helena», idem de 8 de Novembro de 1885”¹⁶.

O poema «Margarida» foi publicado na Horta em 1881¹⁷.

Manuel Joaquim Dias apresenta-o como um poema de intenção regionalista: “Tive em vista – diz ele – dar uma ideia do viver insular”.

Ernesto Rebelo concorda: “trabalho este que contem deliciosas e esplendidas scenas campesinas”¹⁸.

Do mesmo parecer é Tomaz da Rosa¹⁹.

¹⁵ Na crítica ao livro *Ao cair das sombras*, publicado na revista *Os Açores*, Novembro de 1928, p. 26.

¹⁶ *O. c.*, p. 33.

¹⁷ *Margarida*. Poema por Manuel Joaquim Dias. Volume em 8.º de 170 pp. Horta, Typ. Minerva Insulana, 1889. Ernesto Rebelo regista que a tiragem foi de 500 exemplares.

¹⁸ *O. c.*

¹⁹ Numa conferência “Sobre o valor da obra de Manuel Joaquim Dias”, proferida no salão “Amor da Pátria”, a 21 de Dezembro de 1952, na comemoração do centenário do nascimento do Poeta, e publicada no semanário *A Ilha* de 16 de Julho de 1855.

Realmente, a sua leitura faz-nos assistir ao bulício dos arraiais, aos jantares e aos bailes dos casamentos e dos baptizados, à solenidade burguesa das missas de festas, à agitação e meliâncias das eleições políticas, aos falatórios das mulheres mexeriqueiras, ao pânico das crendices supersticiosas e à serenidade e dureza do trabalho rural. E aqui está o seu quinhão de romantismo e naturalismo.

Uma análise, porém, cuidada deste poema constata que a descrição da vida popular foi apenas um pretexto secundário.

O fulcro da narração é o amor contrariado entre Margarida a filha única de um nobre miguelista, viúvo e desenganado das actividades políticas, Pedro Silveira, que se refugiara numa aldeia, e Henrique, o filho de um liberal pobre que, nas hostes de D. Pedro IV, combatera no Porto e lá perecera varado pelas balas.

O orgulho da nobreza e a paixão política, instigados pela figura intrometida, ambiciosa e sem escrúpulos do vigário da freguesia, são os motivos, que levam Pedro Silveira a negar a mão da sua filha estremecida, ao filho do liberal, pobre mas herói.

A narração vai delineando as figuras de modo a emprestar-lhes o valor de símbolos.

Margarida e Henrique – símbolos do sentimento erótico, do amor único e indelével, que os leva a morrer nos espasmos de um desespero inconsolável. Gilberto, o amigo fiel de Henrique, símbolo da amizade verdadeira, firme e até à morte.

Faustino, o mestre-escola da aldeia – símbolo da instrução, que o leva a encontrar no amor com uma pobre aldeã, a verdadeira felicidade.

Nuno da Cunha, o falsário ladrão – símbolo do vício que destrói a felicidade própria e alheia.

Pedro Silveira – símbolo da ambição política e do poder absoluto, que cega o coração à voz da natureza e o leva a impedir o curso livre do amor.

O vigário e o seu cura – símbolo da organização eclesiástica, que escraviza as consciências e se serve dos meios mais abjectos para obter o domínio da sociedade, impedindo o livre curso do amor erótico e o florescer das virtudes naturais²⁰.

²⁰ É curioso notar que Manuel Joaquim Dias adverte no prefácio: trouxe aqui um padre como simples cidadão com as suas virtudes e os seus erros, e jamais com o fim de personificar uma classe. A força das ideias, porém, dobrou a bondade das intenções.

Como estamos a ver, as linhas mestras da narração ultrapassam a intenção descritiva para fazerem a apologia dos princípios filosóficos do humanitarismo progressista ao sabor de Victor Hugo.

Os numerosos comentários e introduções, em que o poeta exprime pessoalmente os seus pontos de vista doutrinários ou os põe na boca dos personagens, comprovam o predomínio da intenção doutrinária sobre a descritiva.

Exordiano o terceiro canto o Poeta postula:

“Primeiro a educação, primeiro o sentimento;
Tirai do lodaçal o coração servil;
À civilização erguei um monumento
E seja o ambicioso um homem sempre vil”

E logo adiante explicita a intenção simbólica e doutrinária de duas personagens em relação a estas ideias:

“Vereis um Nuno da Cunha
Vêdes um Pedro Silveira
Quanto se degrada o homem
Quando alimenta a ambição”²¹.

O tema fundamentalmente erótico, a encenação bucólica, a exuberância sentimental, a obsessão edílica, e o populismo descritivo, colocam este poema publicado em 1881, entre as obras do romantismo.

Mas a preocupação doutrinária de tendência iluminista, o prosaísmo de pormenores populistas e a retórica dos comentários pessoais, vão enfileirá-lo entre os poemas narrativos sentimentalistas das décadas de 1850 a 1860.

E se algum autor há, com quem devamos relacionar o poema de *Margarida* – esse é Tomaz Ribeiro.

Este contacto dá-se não só no fundo filosófico, que anima a narração, mas ainda no mesmo processo desta, na maneira de variar a métrica em ordem ao assunto e no uso do ritmo sáfico com ou sem rimas interiores para as canções e elegias. Quanto ao valor literário desta obra, não estão de acordo os críticos. Ernesto Rebelo diz que ele “honra as letras açorianas”²².

E é claro que esta honra seria nula, se lhe não coubesse um lugar por mais inferior que fosse na literatura portuguesa.

²¹ Pp. 61 s.

²² *O. c.*

Tomás da Rosa pelo contrário tem o parecer de que se trata “de um livro com alguma coisa de apreciável mas não de obra que mereça mencionar-se na Literatura Nacional”²³.

Este parecer baseia-se no obsoleto do assunto e da forma, no prosaísmo da verificação e na carência de emotividade.

Julgo ter aqui aplicação o que a propósito do poeta micaelense Manuel Augusto de Amaral, disse o poeta e ensaísta profundo conhecedor da poesia açoriana, Eduíno de Jesus:

“A grande maioria... dos poetas açorianos foi, no tempo, refractária ao simbolismo e ao modernismo (sobretudo a este) e, como Manuel Augusto do Amaral, preferiu manter o seu voto de fidelidade à velha musa de Antero, Teófilo, João de Deus, Junqueiro, etc., como Botelho Riley, Miguel Alvim, Manuel Joaquim Dias, e até outros mais novos, como Espínola de Mendonça, Oliveira San-Bento, Raposo de Lima, e enfim, uma interminável coorte de poetas mais ou menos realistas, mais ou menos parnasianos (para não falar nos que, como José da Costa, versejam no estilo arcádico ou, como Armando Monteiro, Manuel da Silva Melo ou Lopes de Araújo, que repercutem ainda a desolação romântica”²⁴.

Por essa mesma época e depois ainda, outros poetas de valor, como o Padre Manuel Bernardo Maciel, cantavam ao som lúgubre do ultra-romantismo. E os refractários abundam também nos escritores continentais, como observa Eduíno de Jesus, sobremodo se o termo de comparação é colocado nas literaturas estrangeiras.

Mas há ainda um outro ponto de vista, que julgo de grande importância para o conjunto da obra poética de Manuel Joaquim Dias, sobremodo para a *Apoteose Humana*.

É que se nota uma retardação considerável na evolução das estruturas sociais dos Açores em relação ao Continente, e deste em relação às nações da Europa Central.

No tempo em que Manuel Joaquim Dias escreveu os seus dois poemas, a sociedade faialense, donde ele nunca saiu, vivia num certo esplendor económico, manifestado na actividade, na animação e nível artístico das associações de recreio e de cultura, nos festivais desportivos, no naturalismo alegre das folgas populares.

²³ *O. c.*

²⁴ *O Poeta açorino Manuel Augusto do Amaral*, in “Das Artes – Das letras” de *O Primeiro de Janeiro* de 5 de Março de 1958.

Vivia-se numa euforia naturalista e sã, embora com espírito pagão e anticlerical. Era o liberalismo na fase de entusiasmo das suas crenças progressistas. A poesia de Manuel Joaquim Dias, nos seus dois primeiros livros de versos, é um espelho deste espírito da sociedade em que viveu. E este é o principal valor que lhe reconheço; não o regionalismo campesino.

Neles não há a combatividade da geração de 70, mas um enleio de quase adoração pelo homem, pelo erotismo e pelas virtudes naturais.

Por estas razões julgo que o poema «Margarida» não deve ser considerado obsoleto.

No entanto, dentro da sua escola, tem defeitos notáveis, que diminuem o seu valor literário: ilogicidades, lacunas e redundâncias na narração; certos prosaísmos de linguagem e retórica sentimentalista, que exagera e embota a emotividade.

Não admira: o autor escreveu-o durante uma doença, sem preocupação de escola, e, antes de o publicar, apenas o leu uma vez. Realmente, não seguiu os conselhos do experimentado Boileau²⁵.

Mas possui trechos de bom nível literário, como a canção sobre a dor de Margarida²⁶, e a elegia sobre a sua morte.

Como vemos, já nesta primeira obra poética, em que à primeira vista parece dominar o sentimentalismo romântico, Manuel Joaquim Dias se mostra o poeta-filósofo da geração faialense em cujo seio viveu.

Mas foi na *Apoteose Humana*²⁷ publicada em 1907, que mais clara e mais amplamente se afirmou esta sua atitude.

A sua estrutura está nitidamente decalcada, como tem sido vincado pelos críticos, na *Légende des Siècles* de Victor Hugo. Mais nestas do que na *Visão dos Tempos* de Teófilo Braga.

Também Manuel Joaquim Dias pretendeu fazer uma epopeia fragmentária, em que desse uma visão sintética da vida milenária da humanidade, focando, em dezanove quadros, “os pontos culminantes da sua viagem através do tempo e do espaço”²⁸.

A sua concepção histórica molda-se nas leis dos três estados de Augusto Conte. E nisto se afasta de Victor Hugo.

²⁵No Prefácio.

²⁶Pp. 123 s.

²⁷Manuel Joaquim Dias, *Apoteose Humana*. Volume em 8.º e 132 pp. Impresso na Typ. do Diário *O Telégrafo*, Horta. Lisboa, Antiga Casa Bertrand – José Bastos (Depositária).

²⁸No Prefácio.

Com uma euforia, a pender para a adoração religiosa da humanidade, também ele acredita, que a história dos seus dias transpusera já o limiar do estado científico, o último, o mais perfeito, em que a “inteligência interferiria à maneira que compreendesse os fenómenos”²⁹, mediante o princípio de causalidade, concebido como relacionamento ordenado e sucessivo – concepção esta que Augusto Conte importou do empirismo inglês de Hume e Stuart Mill. Inspirando a visão profética da sua musa, nestes pressupostos positivistas, Manuel Joaquim Dias, ergue a voz, na altissonância retórica dos seus correctos alexandrinos, para anunciar o advento duma nova era, em que o sentimento e o amor estabeleceriam a harmonia perfeita entre os homens:

“Erguer-se-á o Dever, a eterna lei do homem, que a guerra
 não derruba e os tempos não consomem.
 Levantemos-lhe o altar, façamo-lo sagrado,
 Que a humanidade aspira ao gozo delicado
 Do bem só pelo bem, sem outra recompensa
 Mais do que sentir n’alma uma alegria íntima”³⁰.

Esta visão religiosa da humanidade, porém, muito mais vivida aparece nos *Cantos Sagrados* e nas *Irradiações* do também faialense Manuel d’Arriaga. E não é mero acaso esta aproximação dos dois poetas da Ilha Azul. Têm os críticos reparado na dependência que subordina a poesia de Manuel Joaquim Dias à de Victor Hugo e à de Teófilo Braga. Mas quem lê a ode de Manuel d’Arriaga *Ao novo Ciclo Histórico*³¹ surpreende o esquema estrutural da *Apoteose Humana*, numa linguagem muito mais próxima, do que a das *Légendes des Siècles* ou da *Visão dos Tempos*.

A mesma afinidade se nota em outras composições quer dos *Cantos Sagrados* quer das *Irradiações*. O primeiro destes livros foi publicado em 1899 e o segundo em 1901. Claro: ambos beberam nas fontes; mas a aproximação entre eles, quer no tempo quer na forma, é maior, do que entre eles e essas fontes. Em Manuel d’Arriaga, porém, o ideal religiosos leva o seu entusiasmo a conceber a organização cultural, a prostrar-se em adoração, a elaborar a ascese e a moral, numa arrojada adaptação do cristianismo ao novo culto da Humanidade, como fizera Augusto Conte. Nesta concepção de Arriaga, há reflexos

²⁹ No Prefácio.

³⁰ P. 8

³¹ *Cantos Sagrados*, Manoel Gomes, Editor, Lisboa, 1899, pp. 78-85.

do racionalismo histórico de Renan e dos Modernistas e do panteísmo sentimental de Junqueiro.

Manuel Joaquim Dias, prendeu-se à beleza natural da humanidade, encantado por um humanismo helénico, racionalista, sob o influxo de Littré. A sua atitude é mais esteticista, do que religiosa, mais poética do que política. Ele mesmo confessa ter-se mantido “no campo da expressão estética desse ideal”³².

E esta expressão, além de nestes pressupostos positivistas, apoia-se ainda no evolucionismo monista de Huxley, de Darwin, e de Le Bon. Tudo partiu do caos primitivo e por uma força interna da natureza, da matéria inorgânica brotou a vida no proto misterioso. Dos organismos inferiores surgiu o homem, ainda sem a luz da razão. O homem e a mulher viviam, a princípio, no seio duma natureza luxuriante, no mero gozo duma sensibilidade deiscente. Perante o fenómeno da morte desencadeia-se no cérebro do homem o tumulto das ideias – despontava a luz da razão. Elevado por este, o amor dos sexos espiritualiza-se no erotismo platónico. Estas duas forças dominarão a história, impelindo irresistivelmente o homem para o progresso, para a luz da verdade e para a concórdia do amor. Nasce a família. Desta resultam as tribos. E um dia o amor e o ciúme acenderam a discórdia entre duas tribos. Rebentava pela primeira vez a guerra, como resultado das próprias forças que impelem o homem a progredir.

Seguidamente traça em linhas rápidas, demasiado sintéticas, os momentos conflituosos, que o Poeta julga serem as fases de crise em que uma civilização destrói sangrentamente a anterior, para dar um passo à frente na realização da verdade e do bem. É uma corrida rápida desde o homem pré-histórico até à independência dos Estados Unidos da América do Norte, para acabar numa verdadeira apoteose do homem:

“Glória ao homem, o heroe dos meus singelos hymnos!
Homéricos heroes, satânicos, divinos
Abysmam-se no pó que em oiro se levanta
Na marcha triumphal que a natureza canta!”³³.

A informação científica e uma grande parte da histórica, parece-me ter sido haurida no *Cosmos* de Humboldt.

³²No Prefácio.

³³P. 124.

A forma demasiado sintética, não lhe permitiu dar aos quadros, exceptuando os cinco primeiros, a acção requerida para a epopeia, mesmo que seja epopeia filosófica. Resultou, assim, uma forma predominantemente didáctica, próxima das odes dos hinos. Por outro lado, a síntese impediu-o de repetir as arbitrariedades grosseiras e levianas de interpretação histórica e psicológica, como aconteceu a Teófilo Braga.

Apareceu assim uma forma explícita e quase didáctica os princípios filosóficos e políticos, que ele incarnara nas personagens-símbolos do poema «Margarida».

Quanto ao seu valor literário, também foi julgado obsoleto³⁴. Pelas razões acima apontadas, porém, julgo bastante objectivo o parecer de Eduíno de Jesus:

“Aparecido tardiamente em relação ao caminho percorrido pela poesia em Portugal, o poema de Manuel Joaquim Dias não deve, no entanto, ser considerado extemporâneo, pois concebido, realizado e publicado na cidade da Horta, onde o poeta vivia, longe da actividade dos grandes centros intelectuais da metrópole”³⁵.

A sua versificação é geralmente correcta. A linguagem fluente, o estilo solene a condizer com o assunto. E embora enferme da falta de acção acima apontada, e do prosaísmo inerente ao tema e á forma escolhida, tem quadros de grande merecimento literário, como a festa da concepção da vida, e a morte de Moisés, e passagens de arrebatadora eloquência.

Incontestavelmente, sob o ponto de vista literário, como quando opina Eduíno Jesus³⁶, vale mais do que a *Visão dos Tempos* de Teófilo Braga.

Depois da publicação da *Apoteose Humana*, uma profunda transformação se foi operando no espírito de Manuel Joaquim Dias. A sua ilimitada confiança na razão, que abarca o universo e tudo compreende e promove o progresso social, a sua esperança na vitória final do amor e a sua admiração enlevada perante a natureza, começaram a tropeçar no mistério da dor irremediável dentro de um plano meramente natural, na maldade dos indivíduos e da sociedade, e principalmente no espectro da morte, que dele se aproximava cegando todos os seus sonhos.

³⁴ Cf. Tomás da Rosa, *o. c.*

³⁵ Manuel Joaquim Dias e a sua epopeia da humanidade, in “Das Artes-Das Letras” de *O Primeiro de Janeiro*, de 1956.

³⁶ *Id.*, *o. c.*

No terceiro livro de versos *Telas da Vida*³⁷, publicado na Horta em 1920, assistimos a esta luta dolorosa, em que a sua fé iluminista se debate nas malhas inextricáveis do mistério da existência humana.

No poema de abertura coloca-nos de chofre perante o problema do sofrimento e apresenta o livro como o relicário, onde pretende arquivar as memórias das vidas que ele viu naufragar no mar encapelado da dor:

“Outros iam, como eu, cortando a vaga
Que nos sepulta no fatal pendor;
Um escape do abismo, outro naufraga
No mar revolto que encapela a dor.

.....

Desses naufrágios recolhi memórias
Que afectuoso o coração guardou,
E quantas, quantas! São fiéis histórias
Dalguma obscura vida que passou!”³⁸.

Realmente os poemas deste livro fazem-nos assistir com frequência a naufrágios humanos, irremediáveis dentro da economia naturalista, em cujos limites o poeta orbitou a sua visão do mundo. É a mulher, cuja beleza a fez requestada na juventude e que, desprezada na velhice, acaba por suicidar-se («Feiticeira»)³⁹. É a esposa, que depois de uns breves anos de vida conjugal feliz, vê morrer-lhe o marido e fica na viuvez desolada com uma criança que chora inconscientemente por ver a mãe chorar mas sem compreender a dor («As Folhas»)⁴⁰. É a pobre órfã, que a caridade alheia arranca ao cadáver da mãe («Helena»)⁴¹. É a rapariga assassinada pelo ciúme na flor dos anos («Poço das Asas»)⁴².

Destas coordenadas em que a dor parece vir duma fatalidade cega, o poeta estende o seu olhar para a esfera social, onde a ambição política, na miragem duma glória efémera, esmaga os destinos individuais. Faz-nos assistir à agonia

³⁷ Manuel Joaquim Dias, *Telas da Vida*, 120 pp., Tip. Minerva Insulana, Horta, 1920.

³⁸ P. 6.

³⁹ Pp. 7-11.

⁴⁰ Pp. 15-17.

⁴¹ Pp. 33 s.

⁴² Pp. 95-100.

de Napoleão, em Santa Helena, onde “o génio cruel do mal”, que “matou e destruiu”, morre ouvindo as imprecações da multidão inumerável de seres humanos, que ele fizera infelizes («Em Santa Helena»)⁴³. E a sua indignação sobe ao auge perante a deflagração, que assolou a Europa com vagas de sangue, de 1914 a 1918:

“Árbitros deste mundo, fama inglória,
Vos traça os nomes com o sangue e a espada;
Vosso poder sempre moldou a história
Em lama ensaguentada”⁴⁴.

A visão destes espectáculos leva a falar “na mão gelada”⁴⁵ da razão e da sua pena caem frases, que julgaríamos impossível serem um dia escritas pelo poeta da *Apoteose Humana*: “A ciência não é luz... A civilização onde está ela?”⁴⁶. No entanto, o seu antigo ideal, reage e há momentos, em que a contemplação das maravilhas da natureza e o enlevo do erotismo parecem reanimar a sua fé na razão e na oculta lei do amor que por fim vencerá a morte e a dor – «Luta Eterna»⁴⁷, «Borboletas»⁴⁸, «Abismo»⁴⁹, «Idílio»⁵⁰.
Chega mesmo a afirmar num êxtase iluminista:

“É doce sentir na alma esta grandeza austera;
Vogar naquela altura onde a águia se sustem;
Subir na aza do amor à luminosa esfera,
Descer religioso a um coração de mãe.

Branças visões sem sombra! Oh! Quem me dera vê-las
Douradas pelo sol em que o amor transluz!
Dante ao sair do inferno olhou para a s estrelas,
Goethe ao sair da vida ainda pediu mais luz”⁵¹.

⁴³ Pp. 21-24.

⁴⁴ P. 87.

⁴⁵ P. 13.

⁴⁶ P. 86.

⁴⁷ P. 19.

⁴⁸ P. 27.

⁴⁹ P. 39.

⁵⁰ P. 49.

⁵¹ P. 29.

Foi uma luta em que muito sofreu o poeta. E esta luta começou antes da elaboração da *Apoteose Humana*. De facto alguns dos poemas mais pessimistas das *Telas da Vida*, como «Jamais» e «Folhas» foram publicados no *Açoriano* em 1884.

Algumas das outras publicações tinham sido também publicadas em jornais e a selecção delas para este volume indica, segundo pode ver-se na lista acima transcrita, e a selecção delas, já indica para que lado penderá a vitória.

Nos quadros da natureza, alguns finamente desenhados, a especulação do filósofo dá lugar ao esteta e ao apaixonado pelas ciências naturais – «Transcendental»⁵², «Marinha»⁵³, «Aurora da Vida»⁵⁴.

Além disso, o ruir dos sonhos pessoais vergam o espírito do poeta para um pessimismo desalentado:

“Mas voltará o sol um dia após um dia;
Só o perdido amor, a imensa poesia,
Que nos encanta o ser, não voltará jamais.

Não voltará jamais. Uma cruel saudade
Repete ao coração esta fatalidade
Com ironia atroz os sonhos ideais”⁵⁵.

A esta desolação apenas a saudade («Recordações»)⁵⁶ ou o estoicismo temperado pela evocação naturalista de Cristo, a quem ele chama sempre o “Nazareno”, levam algum conforto:

“No céu inalterável da consciência,
Só aí há luz pura e azul sereno,
Límpida e cristalina transparência.

Só nessa altura o coração é pleno,
E se abre a urna de cristal da essência,
Que urgiu a alma ideal do Nazareno”⁵⁷.

⁵² P. 31.

⁵³ P. 61.

⁵⁴ P. 105.

⁵⁵ P. 26.

⁵⁶ P. 101.

⁵⁷ P. 38.

É de notar que o anticlericalismo de *Margarida* e de *Apoteose Humana* desapareceu por completo.

Sob o ponto de vista literário, a objectiva analista das situações críticas da existência humana, apesar do naturalismo enlevado dalgumas composições, do ultra-romantismo de outras («No Tumulo»⁵⁸ e «Lua»⁵⁹), e de alguns vagos lampejos simbolistas («Transcendental»)⁶⁰, situam este livro na escola realista. E a influência literária mais saliente é a de Antero de Quental. Quanto ao seu anacronismo, há que repetir as considerações acima expendidas.

Acerca do seu valor, diz Tomás da Rosa, que “as *Telas da Vida* constituem a melhor produção de Manuel Joaquim Dias, por atingirem notável expressão artística e serem a exteriorização directa dos seus sentimentos, das suas ideias, dos seus sonhos, da sua alma, pedaços da vida e da alma humana”⁶¹.

Parece-me plenamente objectivo este juízo. E entre as composições inseridas neste livro, há algumas que manifestam um talento poético invulgar.

O último livro de Manuel Joaquim Dias é *Ao Cair das Sombras*⁶². Nele parecem reviver os temas fundamentais, que animaram a poesia da sua juventude e da sua virilidade. No «Hino à Terra» repercute-se o eco do iluminismo progressista de inspiração burguesa, esperando ainda:

“... pelas sombras do futuro
Luz que não é, talvez, miragem vã,
Anuncia-te, ó Terra, um céu mais puro
Em que o Bem seja o sol doutra manhã”⁶³.

O erotismo continua a serpear em todas correntes da vida como a força, que domina o curso da história, como em «Eterno Feminino»⁶⁴, que traça os destinos individuais, trazendo-lhe quando realizado, a felicidade, ou quando frustrado, a morte ou a loucura, como em «Metamorfose»⁶⁵ e «Gabriela»⁶⁶.

⁵⁸ P. 69.

⁵⁹ P. 91.

⁶⁰ P. 31.

⁶¹ *O. c.*

⁶² Manuel Joaquim Dias, *Ao Cair das Sombras*, 100 pp., Tip. de *O Telégrafo*, Horta, 1928.

⁶³ P. 42.

⁶⁴ P. 67.

⁶⁵ P. 13.

⁶⁶ P. 77.

Bosqueja ainda alguns quadros históricos ao jeito parnasiano de Leconte de Lisle, como «Entrada de Sila em Roma»⁶⁷, «História Antiga»⁶⁸ e Vicente de Paula»⁶⁹. A intenção filosófica ausenta-se ou toma um caminho diferente, como neste último poema. A não ser no rimance de sabor romântico «O Derradeiro Abencerrage»⁷⁰, que mostra não se haver apagado por completo a concepção histórica da política e da religião, quais forças organizadas da ambição humana, que destroem, cegas e insensíveis, o amor erótico dos indivíduos única fonte da sua felicidade.

Mas estas revivências não passam de pálidos reflexos, amortecidos pela dúvida E repassados da saudade, que, na realidade, constitui o fundo da vivência do poeta nesta última fase.

O declínio do esplendor social, em que desabrochara o seu talento, e a experiência do egoísmo dos homens, cortaram-lhe aos poucos as asas do seu entusiasmo iluminista. Principalmente, os desastrosos começos da república, que mataram um outro idealista ingénuo e bom, o poeta e político Manuel de Arriaga, e sobretudo a barbárie da Guerra de 14, derrubaram o edifício dourado das suas ilusões:

“Poeta, aos sons duma lira harmoniosa
 Sonhaste o grande sonho da harmonia
 Entre homens e nações;
 Mas ai! Que era tua alma generosa
 Que do mundo tão bárbaro subia
 Ao céu das ilusões”⁷¹.

E o Poeta, com acentos shaupenaurianos, fala na dor universal, na saudade do nada, na maldade dos homens, e chega mesmo a dizer com agnosticismo ultra-romântico:

“Tudo é sombrio mistério
 Onde o grande enigma
 Descansa no cemitério,
 Final expressão de tudo”⁷².

⁶⁷ P. 43.

⁶⁸ P. 11.

⁶⁹ P. 17.

⁷⁰ P. 35.

⁷¹ P. 22.

⁷² P. 39.

Mas este pessimismo não traduz a atitude final do seu espírito. Apesar de aludir com simpatia à conversão de Guerra Junqueiro⁷³ e de cantar a caridade de S. Vicente de Paulo⁷⁴, também não a tomou na solução cristã da vida. O seu anticlericalismo desaparecerá já nas *Telas da Vida* e as duas figuras de sacerdote, que no último livro põe em cena, são venerandas e de um deles diz:

“O padre Bento, uma alma de criança
Que dava aos corações doce conforto
Quando sangravam em terrível horto,
Com palavras suaves de esperança”⁷⁵.

No entanto, a sua vivência pessoal não entrevê o sentido que a redenção cristã, pela graça, deu à dor humana.

Preso à beleza dos seus ideais e à fascinação do erotismo, refugia-se na saudade. A saudade que lhe inspira trechos delicados de um íntimo lirismo pessoal e que invade a trama dos seus poemets históricos.

O encanto da saudade inebria-o e quer, no colírio da sua amargura suave e doce, fechar os olhos resignado para o sono derradeiro da morte:

“Ó sentimento que me anima a alma
Não me abandones no cansado giro
Do círculo mortal;
Dá-me a resignação que a vida acalma,
E que ela seja no final suspiro
A redenção final”⁷⁶.

E no poemeto, que fecha o livro, este saudosismo escatológico é incarnado, como símbolo, na figura de Carlos que morre

“... na doce calma
Dos lugares, do amor da sua infância.
Como uma rosa morre na fragrância
Dos últimos perfumes da sua alma”⁷⁷.

⁷³ P. 25.

⁷⁴ P. 17.

⁷⁵ P. 91.

⁷⁶ P. 6.

⁷⁷ P. 100.

Nos poemas deste livro, dá-se uma curiosa interferência de escolas. Como disse há composições nos moldes parnasianos de Leconte de Lisle e em quase todos a preocupação da forma sobressai em períodos arredondados, adaptando convenientemente o ritmo ao assunto. Mas também há algumas que lembram os romances históricos e populistas da primeira fase do romantismo, como o *Derradeiro Abencerrage* e *Grandeza*. Em outros alonga-se o prosaísmo dos romances narrativos populistas, como em «Gabriela». A presença do Junqueiro dos simples está vincada em «Junqueiro» e «Crianças».

Esbatem-se os paroxismos ultraromânticos, luarentos e cemiteriais em «Ressurreição», «Desânimo» e «Meditação». Sentem-se afinidades com o lirismo de João de Deus em «Talvez», «Saudade» e «Gratia Plena». E aparecem, também, influências simbolistas em «Poesia», «Metamorfose», «Coisas Fugitivas» e «Eterno Feminino».

Mas tais influências não fazem dos poemas deste livro, composição de inspiração subalterna. Um profundo sentimento pessoal os percorre a todos, obtendo nalguns uma intensa emotividade, que lhes dá um alto valor poético. Isto apenas significa que Manuel Joaquim Dias usou, com indiferença, os recursos que melhor serviam a sua inspiração, “sem preocupação de escola”, como disse no prefácio do seu primeiro livro – *Margarida*.

Como vistes, na obra poética de Manuel Joaquim Dias estão engastadas gemas de alto brilho artístico.

E creio haver demonstrado que a sua poesia foi um espelho fiel da sociedade em que sempre viveu, nas horas estoantes de esplendor e nas horas pálidas de declínio.

A geração nova que surge para a vida olha com reverência para os mestres do passado.

Mas nesta introspecção admiradora e reverente quer também ela construir, em consonância com as dominantes da cultura actual, obras que não desmereçam da herança legada pelos seus maiores. Prova-a a larga permanência de associações culturais e de órgãos da imprensa diária. Prova-a o Núcleo Cultural da Horta com o seu boletim e também as páginas de letras do *Correio da Horta*. Prova-o até a publicação anual literária de algumas publicações.